

Hoje eu quero comer 'grosa': um estudo sobre caça e cultura alimentar entre famílias quilombolas na ilha do Marajó

Today I want to eat 'grosa': a study on hunting and food culture among quilombola families on Marajó Island

Anael Souza Nascimento¹  | Flávio Bezerra Barros¹  | Dídac Santos-Fita^{II} 

¹Universidade Federal do Pará. Belém, Pará, Brasil

^{II}Universitat de Barcelona. Barcelona, Espanha

Resumo: O artigo aborda a importância da caça de camaleões para as famílias quilombolas de Mangueiras, ilha do Marajó, Pará, destacando seu papel fundamental na subsistência e na cultura alimentar dessas comunidades rurais. O estudo investigou as práticas de caça, as crenças e os rituais relacionados a essa atividade, bem como a preparação da carne das camaleões. A pesquisa, realizada entre 2020 e 2023, adotou uma abordagem etnográfica, incluindo entrevistas abertas, observação participante, conversas informais e etnofotografia. As técnicas de caça mais mencionadas foram 'no laço' e 'com as mãos'. Além disso, o estudo ressalta que a carne de camaleão pode ser preparada guisada ou frita, sendo a primeira opção a preferência da maioria. Os ovos de camaleão também são apreciados por muitos na comunidade, alguns preferindo os ovos à carne. O artigo enfatiza como a caça de camaleão desempenha um papel crucial na soberania alimentar das famílias quilombolas de Mangueiras, abordando aspectos culturais, alimentares e as práticas de caça.

Palavras-chave: Conhecimento tradicional. Comida. Antropologia da alimentação. Amazônia.

Abstract: The article discusses the importance of hunting iguanas for the *Quilombola* families in Mangueiras - Ilha do Marajó/PA, highlighting its fundamental role in the subsistence and culture of these rural communities. The study investigated hunting practices, beliefs, and rituals related to this activity, as well as the preparation of iguana meat. The research, conducted between 2020 and 2023, adopted an ethnographic approach, including open interviews, participant observation, informal conversations, and ethnophotography. The hunting techniques mentioned most were "with a noose" and "by hand." Furthermore, the study emphasizes that iguana meat can be prepared stewed or fried, with the majority preferring the former option. Iguana eggs are also appreciated by many in the community, with some favoring eggs over meat. The article furthermore highlights how iguana hunting plays a crucial role in the food sovereignty of the *Quilombola* families in Mangueiras, addressing cultural, dietary, and hunting practices.

Keywords: Traditional knowledge. Food. Anthropology of food. Amazon.

Nascimento, A. S., Barros, F. B., & Santos-Fita, D. (2025). Hoje eu quero comer 'grosa': um estudo sobre caça e cultura alimentar entre famílias quilombolas na ilha do Marajó. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 20(2), e20240005. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2024-0005.

Autor para correspondência: Anael Souza Nascimento. Universidade Federal do Pará. Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares. Rua Augusto Corrêa, 1 – Cidade Universitária José da Silveira Netto. Belém, PA, Brasil. CEP 66075-110 (eng.anael@gmail.com).

Recebido em 09/02/2024

Aprovado em 27/02/2025

Responsabilidade editorial: Jimena Felipe Beltrão



INTRODUÇÃO

Quando pensamos em alimentação, os principais recursos faunísticos acessados pelos povos indígenas e comunidades tradicionais vêm das atividades da caça e da pesca (Redford & Robinson, 1987; A. L. Silva & Begossi, 2004; Diegues, 2004; Alves et al., 2012; Van Vliet et al., 2015; Barboza et al., 2016; Barros, 2017; Pezzuti et al., 2018; Murrieta, 2001; Murrieta et al., 2008). Ao executar essas atividades produtivas, uma série de conhecimentos é mobilizada e práticas são adotadas sob diferentes óticas e categorias que corroboram a reprodução familiar, sendo tais práticas moldadas de acordo com as dimensões sociais, culturais e ambientais (Torres, 2014; Isaac et al., 2015). Diante disso, a fauna silvestre permanece como um importante recurso básico, sobretudo entre comunidades rurais de zonas tropicais (Alves et al., 2012; Santos-Fita et al., 2012; Barboza et al., 2016; Aviz, 2022) e demais regiões do mundo. O estudo conduzido por Willerslev (2012) destaca a importância da caça na alimentação dos Yukaghirs da Sibéria, pontuando de modo destacado as práticas, as cosmologias e as estratégias simbólicas envolvidas na atividade venatória. A pesquisa de Santos-Fita (2013), realizada no México, guarda muitas semelhanças com os estudos desenvolvidos na Amazônia, principalmente no que concerne aos aspectos simbólicos. A caça, enquanto atividade humana produtiva para os mangueirenses, configura-se como uma importante fonte de alimentação, apesar de, na comunidade, o cardápio alimentar, no que se refere a consumo de proteína, ser constituído majoritariamente por peixe. A carne de caça, ainda que consumida em menor frequência, demarca a identidade e a ancestralidade, ao mesmo tempo que garante a soberania e a segurança alimentar e nutricional (SSAN) das famílias. O extrativismo animal desempenha um papel significativo nas relações de parentesco e compadrio. Estudos destacam que a cooperação entre as pessoas vai além do compartilhamento de informações e técnicas, e também inclui o ato de compartilhar os equipamentos utilizados e as espécies capturadas (Figueiredo & Barros, 2015, 2016; Melo, 2017; Arruda et al., 2018).

Estudos registram uma diversidade de padrões de interação com a fauna cinegética, nos quais, ao serem levadas em consideração as especificidades culturais de cada comunidade, os animais caçados assumem múltiplos papéis. Além de servirem como fonte de alimento, sendo consumidos de diversas maneiras, as várias partes corporais dos animais também encontram aplicação em fins medicinais ou religiosos, bem como na fabricação de cosméticos, ornamentos, ferramentas e vestuário (Alves et al., 2012; Barbosa & Aguiar, 2015; Silva Neto et al., 2017; Chaves et al., 2018).

A captura intencional ou oportunista de espécies de animais silvestres, seja para aproveitamento integral ou parcial, está diretamente relacionada à necessidade de muitas famílias de complementar tanto a alimentação quanto a renda (Jacob et al., 2020). Esta prática, muitas vezes, desempenha um papel importante na garantia da segurança alimentar e nutricional, contribuindo para a sustentabilidade e a soberania de diversos grupos sociais.

No âmbito da integração de crenças e práticas, os alimentos adquirem características que espelham as tradições e culturas de diversas comunidades. Esses grupos, envolvidos na produção e no consumo alimentar, possuem características sociais e culturais específicas, conferindo significados particulares ao que consomem, quando e onde o fazem. Assim, a alimentação, dentro das perspectivas dos saberes e das práticas culturais, transforma-se em um símbolo de resistência cultural. A representação alimentar apresenta aspectos importantes sobre um grupo social, uma vez que a cultura alimentar abarca “. . . um conjunto de representações, crenças, conhecimentos e práticas herdadas e/ou aprendidas que estão associadas à alimentação e são compartilhadas pelos indivíduos de uma dada cultura ou grupo social” específico (Pauli et al., 2024).

Em diferentes grupos e comunidades, o consumo de animais silvestres varia, sendo fortemente influenciado pela disponibilidade desses recursos. Nesse cenário, aspectos como regulamentos governamentais sobre caça e pesca, *status* socioeconômico e restrições culturais desempenham

um papel considerável (Castro et al., 2006; Alves et al., 2012; Antunes et al., 2019). Além da reconhecida contribuição positiva dos alimentos para a saúde física, é notável que, em muitas sociedades tradicionais, os aspectos alimentares são valorizados como fundamentais para a saúde mental, emocional e espiritual (McCune & Kuhnlein, 2011).

Este artigo é um recorte da pesquisa de doutorado da primeira autora, realizada na comunidade quilombola de Mangueiras, município de Salvaterra, na ilha do Marajó, Pará¹. O objetivo é descrever as práticas de caça em torno de camaleões/camaleos (*Iguana iguana*)², assim como os conhecimentos tradicionais, os rituais e a postura do/da interlocutor/a caçador/a, destacando o papel da caça na vida e na alimentação das famílias quilombolas.

ÁREA DE ESTUDO

A pesquisa foi conduzida na região do 'Marajó dos campos', com foco no município de Salvaterra, que é considerado a porta de entrada para a ilha do Marajó, localizada no norte do estado do Pará, entre a entrada e a saída da foz do rio Amazonas. Neste artigo, utilizamos o termo 'ilha', mas o Marajó, geograficamente falando, trata-se de um arquipélago formado por 16 municípios, subdividido em duas partes, de acordo com Pacheco (2006, 2009). A primeira é chamada de 'Marajó das águas e florestas', situada na região ocidental do arquipélago, compreendendo nove municípios: São Sebastião da Boa Vista, Currelino, Bagre, Breves, Melgaço, Portel, Anajás, Gurupá e Afuá. A segunda parte é o 'Marajó dos campos', composto por oito

municípios: Soure, Salvaterra, Cachoeira do Arari, Santa Cruz do Arari, Ponta de Pedras, Muaná, Chaves e Oeiras do Pará (este último município passou a fazer parte da região de integração Marajó em janeiro de 2022, embora não esteja inserido geograficamente no arquipélago).

Apesar dessa divisão entre as regiões de campos e águas/florestas, não existem extremos rígidos, pois muitos desses municípios apresentam uma mistura de cenários em sua configuração geográfica e paisagística. A pesquisa se concentrou no 'Marajó dos campos', mais precisamente no município de Salvaterra, que é um ponto-chave de entrada para a região, graças ao porto Camará, localizado no extremo sul da cidade. Durante a estação seca da microrregião dos campos (julho a novembro), também conhecida como microrregião do Arari, os moradores da parte central da ilha, que abriga um grande número de fazendas de gado, buscam acesso à pesca nos lagos, igarapés e rios próximos, que se transformam em represas naturais após o intenso período chuvoso (dezembro a junho), ou seja, durante o inverno amazônico.

Salvaterra destaca-se como um dos municípios com maior concentração de comunidades quilombolas, apresentando a maior densidade quilombola por quilômetro quadrado de todo o Brasil, conforme relatado por Gomes et al. (2018). Atualmente, o município abriga um total de 18 comunidades: Bacabal, Bairro Alto, Boa Vista, Caldeirão, Vila União/Campina, Deus Ajude, Mangueiras, Paixão, Pau Furado, Providência, Salvá, Santa Luzia, São Benedito, São João, Gurupá, Rosário, Tartarugueiro e Siricari. No entanto,

¹ Considerando outros componentes dos estudos realizados pela primeira autora, que avaliou o papel dos alimentos ultraprocessados e das influências externas, alguns fatores são fundamentais para a compreensão das questões nutricionais e serão incorporados em análises futuras. Conforme destacam Dufour et al. (2016), nas dietas amazônicas, alimentos essenciais como a mandioca e o peixe, embora forneçam energia e proteína, em dadas situações, apresentam toxinas que podem afetar a saúde. Apesar disso, a disponibilidade de alimentos e as necessidades energéticas e proteicas parecem ser atendidas. Esses elementos, embora relevantes, não são o foco deste estudo, que não aborda a caça em termos nutricionais. Outro aspecto considerado importante são os estudos sobre dieta e nutrição na Amazônia de autoria de Da-Gloria e Piperata (2019), que, sob uma perspectiva bioantropológica, têm se concentrado na inter-relação entre os aspectos biológicos e culturais das populações locais. De acordo com Dufour e Piperata (2018), a nutrição envolve não apenas o consumo de alimentos, mas também seus efeitos na saúde e na função do corpo humano. A transição nutricional, que se refere à mudança nos padrões alimentares e nos estilos de vida, é um tema central, especialmente com o aumento do consumo de alimentos ultraprocessados.

² Os quilombolas frequentemente mencionam que vão caçar camaleões, mas, na realidade, sua busca é direcionada para as fêmeas da espécie. Em algumas ocasiões, eles falavam camaleão no intuito de situar a pesquisadora de que estão em busca das fêmeas desses animais. As fêmeas também são chamadas de 'grosa'.

nenhuma dessas comunidades detém atualmente títulos de terra definitivos. Considerando que há mais de 800 comunidades autodeclaradas no Pará, de acordo com a Malungu (comunicação pessoal, 2025) – associação que representa todas as comunidades do estado –, há um número aproximado de 70 territórios titulados, índice que demonstra o descaso do Estado brasileiro com a causa quilombola, quando se observa que esse percentual não chega nem a 10% de áreas com a questão fundiária definida.

A pesquisa ocorreu na comunidade quilombola de Mangueiras (Figura 1), a qual dista, aproximadamente, 21 km de Salvaterra, sendo totalmente cercada por água. Apenas no período do verão amazônico é possível ter acesso à comunidade por terra. O percurso para chegar é feito por

dentro das fazendas e, no período do inverno amazônico, o acesso só é possível por meio de balsa ('balsinha', como é chamada pelos próprios quilombolas, que a produziram). A cidade de Salvaterra dista, aproximadamente, uma hora de viagem por via terrestre e cerca de três horas por via hídrica em relação a Mangueiras. A via hídrica é a mais utilizada durante o período mais intenso do inverno amazônico, pois as estradas ficam intrafegáveis (Nascimento, 2020; Nascimento & Barros, 2021).

A comunidade possui cerca de 175 famílias, divididas nos bairros São João, Mucajá, Japiim, Centro, Vila Pereira e Trindade, segundo o vice-presidente da Associação Remanescentes Quilombolas São João de Mangueiras. As famílias continuam mantendo as tradições da ancestralidade

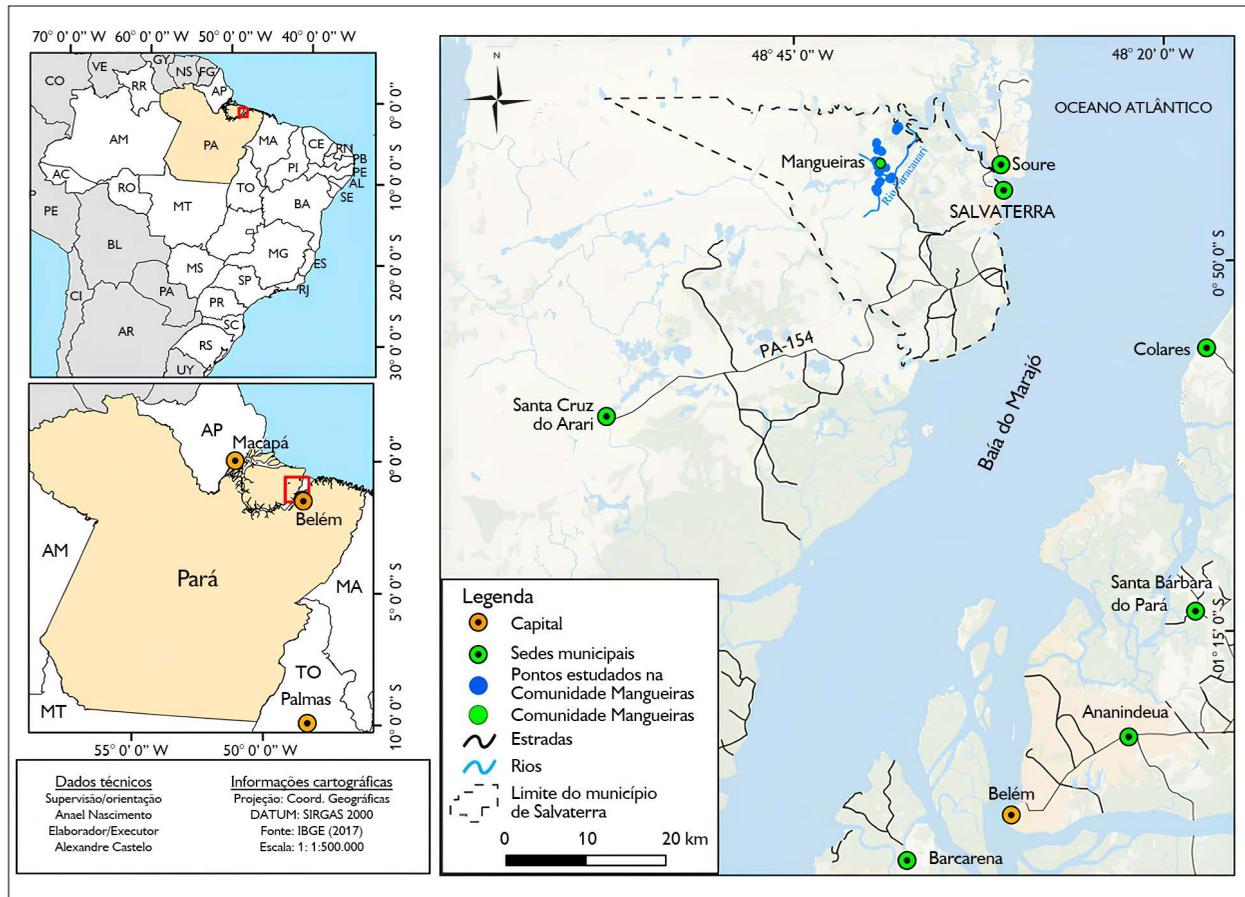


Figura 1. Localização do quilombo de Mangueiras, Salvaterra, ilha do Marajó, Pará (Amazônia paraense). Fonte: Nascimento e Barros (2019, p. 81).

africana, valorizando, assim, as formas de organização e o modo de vida que marcam uma resistência negra. Mangueiras é considerado, pelas comunidades, como quilombo-mãe, pois foi o primeiro a ser fundado. A luta pelo reconhecimento territorial iniciou em 2010, todavia, até o presente momento, o título definitivo da terra não foi concedido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Atualmente, é possível ter acesso ao processo pelo número 54100.000589/2010-27, além disso o único documento que ampara a comunidade é a certidão emitida pela Fundação Cultural Palmares (FCP).

MÉTODOS E TÉCNICAS

A referida pesquisa seguiu uma abordagem etnográfica e uma perspectiva qualitativa. Os dados etnográficos contidos no texto são resultados de cerca de seis anos de trabalho de campo da primeira autora. Para a coleta de dados, optamos pelo uso de entrevistas não diretivas (Michelat, 1987), realizadas com crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, na faixa etária de sete a 75 anos. Essa abordagem permite ao pesquisador maior liberdade para conduzir as entrevistas, além de expressar opiniões que considere relevantes e que poderiam ser negligenciadas em uma abordagem mais estruturada. Dessa forma, as entrevistas abertas contribuem para uma compreensão mais aprofundada e detalhada, de acordo com o pesquisador.

Nesse contexto, as principais técnicas utilizadas incluem observação participante (Geertz, 1989; Malinowski, 1978) e turnês guiadas (Casilimas, 1996; Albuquerque et al., 2019). Além disso, a fotografia é uma ferramenta valiosa que vai além da simples ilustração, proporcionando uma etnofotografia das pessoas e de seus ambientes (Fernandes & Fernandes, 2019). Usamos também o caderno de campo.

Com base nisso, planejamos utilizar todas essas técnicas de forma complementar, buscando ouvir narrativas sobre a tradição, as histórias orais, sempre com sensibilidade para não hierarquizar nenhum conhecimento ou informação em relação a outro. Fomos impedidos de iniciar as coletas de campo para a pesquisa na comunidade

quilombola de Mangueiras no ano de 2020, em razão da crise sanitária que se instalava pelo mundo, com a disseminação da COVID-19. Com o caos se instalando na saúde pública, as universidades precisaram interromper as atividades presenciais. As salas de aula vazias deram lugar às videoconferências e ao ensino *online*, e nossa pesquisa de campo também seguiu no formato remoto, pois a primeira autora já havia realizado sua pesquisa de mestrado na comunidade, o que favoreceu os contatos para iniciar as coletas. Enquanto o mundo se adaptava à nova realidade, as associações dos quilombolas de Salvaterra tomaram medidas para proteger suas comunidades.

As estradas e vicinais que levavam às comunidades quilombolas foram bloqueadas para impedir que o vírus atingisse as famílias. As medidas eram compreensíveis e vitais para a segurança de todos. Durante o período em que não pudemos adentrar a comunidade, mantivemos o diálogo por meio das redes sociais e de ligações telefônicas. E foi somente em setembro de 2021 que, finalmente, conseguimos regressar à comunidade. Isso se tornou possível graças à administração da segunda dose da vacina nos quilombolas e pesquisadores.

A autorização para o desenvolvimento da pesquisa junto à comunidade quilombola de Mangueiras ocorreu por intermédio da assinatura do Termo de Anuência Prévia (TAP) pelas lideranças e, a cada interlocutor, foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As famílias do quilombo de Mangueiras desenvolvem várias atividades produtivas ao longo do ano, entre pesca, roça, caça, extrativismo vegetal, entre outras. As atividades acontecem concomitantemente influenciadas por fatores econômicos, culturais e ambientais. O regime das marés na comunidade determina o horário e a melhor atividade produtiva a ser executada no momento. Também é através das marés que se determina qual animal será caçado, pois o ritmo da comunidade está atrelado aos rios.



As caçadas de animais silvestres em comunidades rurais são utilizadas para fins de alimentação e criação. A carne de camaleoa/camaleão (*Iguana iguana*) faz parte da dieta das famílias de Mangueiras há muito tempo. O consumo de camaleão, bem como de outras espécies de répteis, também foi registrado em outros estudos na Amazônia (A. S. Silva, 2019; Aviz & Santos-Fita, 2023) e no Nordeste, onde o consumo de camaleão e teju é bem comum, sobretudo no sertão³. Segundo os moradores, a caça de camaleões e camaleões vem sendo praticada por todos os seus antepassados e as gerações atuais seguem na prática, que está enraizada na cultura alimentar local. Ao longo dos anos, muitos estudos acerca da fauna cinegética vêm apresentando diversos resultados quanto à importância dessa interrelação entre fauna silvestre e populações tradicionais, as quais contribuem até mesmo para a conservação dessa fauna (Alves et al., 2012; Alves & Souto, 2015; Mesquita & Barreto, 2015; Renoux & Thoisy, 2016).

A busca por alimentos na comunidade quilombola é uma prática intrinsecamente ligada à cultura, às tradições e à conservação da natureza. Basta um caçador manifestar o desejo de caçar camaleões, com a expressão 'Bora atrás de grosa, hoje eu quero comer grosa', para que um grupo de pessoas logo organize os apetrechos a serem levados: terçado, fio, cordas, faca, sacolas e, às vezes, rede de pesca, caso esteja um bom tempo para a colocar no rio. Toda essa gama de utensílios de caça oferece uma janela para essa relação complexa e simbólica com o ambiente ao redor.

A prática de caçar camaleões na comunidade quilombola de Mangueiras é realizada durante os meses de setembro e outubro, ou seja, no verão amazônico. Durante esse período, tanto jovens como adultos, e, às vezes, até crianças (Figura 2), participam dessa atividade. A faixa etária dos/as caçadores/as varia de sete a 75 anos, com a maioria dos indivíduos situando-se entre 20 e 50 anos. Os indivíduos mais jovens (a partir de sete anos) costumam participar da atividade sob a supervisão de adultos e como forma de



Figura 2. Crianças, jovens e adultos indo à caça de 'grosa', acompanhadas pelo seu cachorro. Foto: Anael Nascimento (2021).

aprendizagem e transmissão dos conhecimentos tradicionais, sem obrigatoriedade de um envolvimento ativo, mas como uma forma de inseri-los nas atividades cotidianas.

A escolha dos meses de setembro e outubro para a caça ocorre devido ao fato de os camaleões, nessa ocasião, se aproximarem dos campos para pôr seus ovos. Conforme explicado por uma caçadora, o casal de camaleões desce das árvores, chamadas de mangueiros, em direção aos campos. A fêmea permanece no campo para colocar seus ovos, enquanto o macho retorna à árvore e aguarda. A preferência pela captura das fêmeas não se limita apenas ao conhecimento da ecologia dos animais e de sua localização, mas também porque as fêmeas, nesse período, estão gordas, podendo já ter desovado, ou não.

Ao retornarem da caçada, as crianças e os jovens que tiveram grande sucesso frequentemente se envolvem em uma animada disputa. Eles competem para adivinhar quantos ovos estão dentro das camaleões que capturaram. As estimativas variam, mas geralmente giram em torno de 30 a 40 ovos por animal. Não existe uma premiação específica para quem acerta o número exato, mas o vencedor geralmente desfruta do privilégio de consumir a maior quantidade de ovos.

³ Ver o estudo de Oliveira (2019) sobre o estado do Rio Grande do Norte.

Essa competição não apenas adiciona um elemento lúdico à caçada, mas também fortalece os laços sociais entre as crianças e os jovens da comunidade. É uma tradição que une gerações, criando um ambiente de alegria e celebração, após uma bem-sucedida expedição de caça.

Alguns animais são caçados através de golpes, com pedaços de madeira, desferidos contra suas cabeças, não com o intuito de matá-los, mas sim de atordoá-los. Os camaleões, por sua vez, são capturados tanto nas árvores como nos campos. Para realizar essa caçada, é necessário percorrer uma distância de aproximadamente 15 km mata adentro, um trajeto que envolve homens, mulheres e crianças. A caça do camaleão ocorre nos arredores de Mangueiras, sendo as fazendas os melhores lugares para caçar, como as fazendas Taboca e Aleado. Durante o percurso, as crianças são as mais entusiasmadas. Elas participam ativamente, realizando brincadeiras e até fazendo apostas sobre quem será o primeiro a efetuar uma captura bem-sucedida. Geralmente, essas crianças têm entre oito e 14 anos e mantêm seus olhares atentos. Embora tenham como objetivo principal caçar camaleões, que é a modalidade de caça preferida por elas, também estão vigilantes a outras possíveis oportunidades de caça, e, em um dia favorável, uma caçada oportunista pode ocorrer.

De acordo com Melo (2017), e conforme observado na comunidade de Mangueiras, a caça oportunística é uma prática comum entre os caçadores, frequentemente ocorrendo durante a realização de outras atividades produtivas, como pesca, roçado, coleta de frutos e outras ocupações. Sua característica central é a oportunidade que o caçador tem de avistar uma presa e abatê-la. Não requer planejamento prévio, mas sempre envolve a possibilidade de ocorrer. Portanto, os caçadores que se aventuram em suas atividades diárias na floresta ou à beira do rio frequentemente carregam consigo instrumentos que possam ser úteis na captura de algum animal.

Além disso, a caça é uma atividade que depende fortemente da assistência de cães. Esses animais desempenham um papel determinante no sucesso das

caçadas, e os vira-latas são a escolha preferencial. Isso se deve ao fato de possuírem um 'bom faro de caçador'. Em todas as caçadas realizadas na comunidade, os cães desempenham um papel fundamental. Eles lideram o caminho, indicando o melhor percurso e sinalizando a presença da presa.

Nessa comunidade, o uso de espingardas e outras armas de fogo na caçada é uma ocorrência rara. Os instrumentos mais comuns são as mãos e o terçado, com os cães desempenhando um papel facilitador crucial, mas, no caso da caça do camaleão, o uso do laço é muito frequente. Esse cenário contrasta com o que é observado em outras comunidades, conforme mencionado por autores como Calouro (1995), A. L. Silva e Begossi (2004), Ferreira (2014), Pezzuti et al. (2018), Figueiredo e Barros (2015, 2016), Barros (2017) e Guimarães et al. (2019), que relatam o uso predominante de espingardas em comunidades indígenas e não indígenas.

A prática de caçar 'grosas' é algo comum em Mangueiras, especialmente durante os meses de setembro e outubro. Devido a essa sazonalidade, é frequente que os jovens carreguem consigo um pedaço de fio no bolso ou preso à cintura. Com esse fio resistente, eles são capazes de laçar as 'grosas' que estão nas árvores, sendo essa a técnica preferencial quando as camaleoas estão nos altos. Por isso, nas árvores próximas aos campos, é comum encontrar caçadores olhando para cima, para ver se avistam uma camaleoa; no caso do macho, se eles o encontram, dificilmente o levam para a casa, pois é mais magro e possui pouca carne, não sendo vantajoso. Quando as 'grosas' se encontram no campo ou em buracos, a captura é feita com as mãos.

A identificação das 'grosas' nos buracos pode ser feita através da visualização dos próprios buracos, dos sentidos e faro apurado dos cachorros, ou ainda pela habilidade dos caçadores em identificar os sons das camaleoas enquanto escavam o solo. Essas técnicas específicas de caça variam de acordo com o *habitat* da presa, sendo adaptada às circunstâncias da caçada.



Os homens adultos da comunidade dificilmente se dedicam só à caça como meio de subsistência, uma vez que uma parte considerável deles desempenha funções de pescador e também trabalha em fazendas da região, o que dificulta a dedicação exclusiva para a atividade. Normalmente, ao colocarem rede de espera no rio, adentram um pouco a mata para ver se estão com sorte e conseguem capturar algum/a camaleão/camaleoa. Para esses indivíduos, a caça deixa de ser uma estratégia apenas de sobrevivência e se torna um ritual, uma forma de socialização entre familiares e amigos. Desse modo, ela fortalece os laços sociais na comunidade, sem deixar de desempenhar um papel significativo na formação da identidade local.

A prática da caça é marcada como uma estratégia que envolve imersões em áreas previamente visitadas, com a identificação e o rastreamento de sinais de passagem de animais, como cheiros, pegadas, rastros, fezes ou sons. Essa atividade ocorre principalmente em locais próximos a árvores frutíferas, por vezes acompanhada por cães (Ramos et al., 2008; Alves et al., 2009; Ferreira, 2014; Figueiredo & Barros, 2015, 2016; Barros, 2017; Aviz, 2022). Adicionalmente, quando os caçadores observam aves ou qualquer outro animal circulando embaixo das árvores, eles demonstram cautela, pois isso pode indicar que o animal está sendo 'mundiado'⁴ por uma cobra. Durante nossa caçada, encontramos uma saracura (*Aramides saracura*), que passou vários minutos rodando no mesmo lugar. Ao observar tal ação, os caçadores logo procuraram o motivo para isso. Não demorou para que avistássemos uma cobra, enrolada em um galho na árvore, e era ela que estava a 'mundiar' a saracura.

Membros da comunidade que não têm a possibilidade de se envolver na caça frequentemente solicitam aos jovens que adentram a mata para que tragam um camaleão, caso haja excedente da caça. Em algumas

situações, esse camaleão pode ser vendido por 15 reais, ou mesmo compartilhado gratuitamente, dependendo da convivência e do relacionamento estabelecido. Essa dinâmica é influenciada pelos vínculos existentes, que favorecem essas trocas, recíprocas, em que cada membro contribui para o bem-estar do outro. Aqui, compreende-se que a prática da reciprocidade, sociabilidade e intersubjetividade nas trocas de caça ocorre conforme delineado pela teoria da dádiva, de Mauss (2003), ainda que Godelier (2000) tenha revisitado criticamente essa teoria, acrescentando que a sociedade não pode ser reduzida à troca, acrescentando o aspecto da transmissão.

CAMINHOS E PRÁTICAS QUE LEVAM ÀS 'GROSAS'

O caminho até a presa é longo e desafiador, especialmente para aqueles não acostumados com a região. Inicia-se com uma caminhada de duas horas em trechos de mata quase fechada, seguida por uma sequência de mata mais aberta, mas com terreno de muita terroada⁵ (Figura 3). Antes de começarmos a jornada, fomos prevenidos sobre a dificuldade e os desafios que encontraríamos, e nos alertaram sobre a natureza potencialmente perigosa do percurso.

Adicionalmente, fomos informados de que passaríamos o dia inteiro na mata. Aconselharam-nos a levar água e algum lanche, pois não era costume deles comer durante a caçada, a menos que encontrassem alguma fruta ao longo do caminho.

A busca pelo camaleão envolve tradição e rituais que abrangem diversos aspectos. Começa com o processo de 'curar' o cachorro, preparando-o para ser um caçador habilidoso. Além disso, inclui práticas como levar um dente de alho no bolso de todos os caçadores/acompanhantes como uma forma de proteção ao adentrar a floresta e o rio.

⁴ Significa que está sendo encantado, hipnotizado.

⁵ Solo que sofreu o pisoteio do gado e possui relevos e muitos buracos.





Figura 3. Caminhos para caçar (diurno) – terroada. Foto: Anael Nascimento (2021).

O trajeto para alcançar os locais onde se encontram os camaleões é uma jornada que envolve não apenas a travessia de áreas de mata densa, mas também igarapés e furos. Os caçadores precisam atravessar um pequeno furo do rio para chegar a um porto e, em seguida, enfrentar mais algumas horas de caminhada até o seu destino.

Foram mais de dez horas de caçada, e conseguimos pegar camaleões em quantidade suficiente para todo o grupo. Além do desafio da jornada, o que verdadeiramente nos impressionou foi a notável habilidade deles em localizar camaleões em árvores e buracos. Além disso, a técnica de captura era verdadeiramente notável, envolvendo o uso de laços, os quais eram lançados de forma precisa em direção às cabeças dos/as camaleões/camaleoas. Com destreza, eles puxavam os animais e seguravam-nos firmemente pelo rabo. Quando questionados sobre as técnicas de

captura de camaleões/camaleoas, é comum ouvir a resposta 'pegamos com a mão ou no laço'. A técnica de laçar requer habilidade por parte dos caçadores e caçadoras. Ao avistar um camaleão nas árvores ou mangueiros, é necessário se aproximar cuidadosamente, garantindo que o animal não perceba a presença do caçador. Evita-se uma aproximação excessiva para que não haja o risco de a presa escapar. Os caçadores, então, calculam uma distância adequada, com a ponta do fio já preparada para laçar, e o lançam na direção do camaleão, sempre na cabeça. Esse método envolve uma abordagem cautelosa para garantir o sucesso na captura.

A técnica de pegar com a mão pode ser aplicada quando os/as camaleões/camaleoas estão nos campos ou mesmo quando estão dentro de buracos. Ao avistá-los nos campos, basta se preparar para capturar o animal e se aproximar com cuidado. Durante nossas idas às caçadas, não avistamos nenhum nos campos. No entanto, era possível perceber os caçadores comentando sobre ouvir barulhos de escavação dos animais, indicando a presença próxima. Eles compartilhavam observações como 'Está ouvindo? Tem uma por aqui e, pelo barulho, ela é grande' e questionamentos sobre a possível desova, como 'Cristina, será que ela já está desovada?', os quais se alinham com a concepção de Bechelany (2017). Em sua análise da atividade de caça entre o povo indígena Panará, a visão e a audição operam de maneira coordenada, explorando qualquer manifestação de vida na floresta. Dessa forma, o diálogo e a troca de informações durante a caçada em Mangueiras evidenciam uma abordagem sensorial e cooperativa semelhante à observada entre os Panará, onde os sentidos são aguçados para identificar sinais de presença na floresta.

Então, à medida que caminhávamos devagar, avistamos um buraco e, segundo os caçadores, o barulho poderia vir de lá. Cristina, uma das caçadoras que nos acompanhava, solicitou que Catulo seguisse os procedimentos. Ele prontamente se abaixou e colocou a mão dentro do buraco, informando que a presa estava muito no fundo. Logo, o pai de Catulo se aproximou e o

ajudou a retirar um pouco da terra para facilitar o alcance do braço de Catulo. A retirada do animal foi bem-sucedida (Figura 4). O jovem mostrou-nos, contente, o camaleão, que tinha uma tonalidade bem escura devido ao tempo enterrado. Ele explicou que, ao colocá-lo próximo de cores verdes, o camaleão logo começaria a adaptar sua cor.

A etapa seguinte da caçada, conhecida como 'apeiar' (Figuras 5), consistia em imobilizar o camaleão, amarrando suas patas. Frequentemente, essa tarefa exigia a colaboração de duas pessoas. Neste contexto, Catulo, um jovem quilombola, é o irmão mais velho de quatro irmãos que acompanhamos na caçada, desempenhava o papel de orientador, fornecendo direções e coordenando os demais no processo de 'apeio'. Apesar de o pai de Catulo também participar da expedição de caça, era Catulo quem direcionava os irmãos menores. Muito organizado e atento,

ele apontava os possíveis locais onde poderiam encontrar os camaleões. O pai sempre os observava, e Cristina, que é vizinha deles e que tem muitas relações de trabalho com essa família, também estava sempre de olho, compartilhando histórias de caçadas e das matas durante os intervalos para descanso. Catulo possuía o fio para 'apeiar' o camaleão e chamou um de seus irmãos para ajudá-lo. Embora essa atividade de 'apeio' possa ser realizada individualmente, a presença de mais uma pessoa facilita essa etapa.

O processo de 'apeiar' não segue necessariamente um critério rígido sobre quem realiza essa etapa, mas, geralmente, os iniciantes permanecem no apoio, enquanto os mais experientes conduzem o ato. Após laçar o camaleão ou retirá-lo do buraco, o processo de 'apeiar' é iniciado da seguinte maneira: pega-se o fio pelo meio e dá-se uma volta com a ponta à frente; em seguida,



Figura 4. A) Catulo retirando um camaleão do buraco, enquanto os demais participantes da caçada observam; B) o camaleão agora fora do buraco. Ao lado de Catulo o seu irmão mais novo. Fotos: Anael Nascimento (2021).



Figura 5. 'Apeiar' o camaleão na comunidade quilombola de Mangueiras, ilha do Marajó, Pará. Foto: Renata Vilhena (2021).

outra volta com a parte que estava à frente passando para trás. A segunda volta posiciona-se para trás, enquanto a primeira permanece à frente, juntando as duas. Em seguida, colocam-se as patas do animal em sentido contrário uma da outra, formando um X, apoia-se o pé do caçador na cabeça do animal e puxa-se o fio (Figura 6). Esse procedimento eficiente é conduzido principalmente pelos caçadores de quaisquer idades e que tenham habilidade para realizá-lo. Esse tipo de amarração é conhecido como nó de porco.

Catulo geralmente é convidado por Cristina e também por outros comunitários para ir caçar, mas às vezes Cristina vai sozinha. No entanto, ela também aprecia a companhia dele, pois ele consegue explorar, perceber e acessar alguns lugares que seriam mais desafiadores para ela. A agilidade de Catulo, seus atributos físicos como um jovem e sua paixão pela caçada são admirados. Muitos

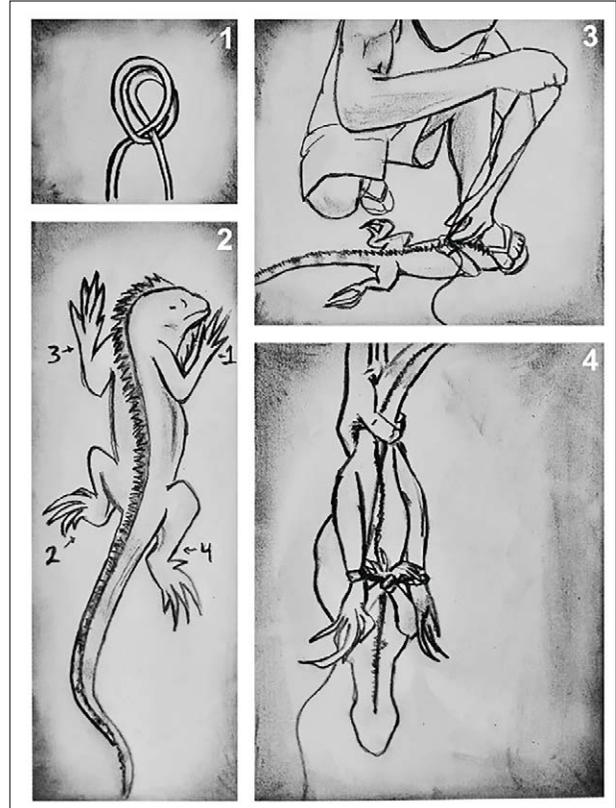


Figura 6. Passo a passo de como 'apeiar' o camaleão. Ilustração: Jorge Mike dos Santos Marques (2023).

membros da comunidade reconhecem sua habilidade na caça, referindo-se a ele como 'Esse é ligeiro para pegar um camaleão', 'ele é fera' e 'isso sabe pegar grosa'. Não são todas as mulheres que caçam camaleões, pois há poucas mulheres caçadoras. No entanto, praticamente todas sabem como preparar e cozinhar a carne de camaleão.

CACHORRO TAMBÉM É CAÇADOR

A caça com cães geralmente envolve um ou mais caçadores e ocorre em áreas de vegetação densa. Os cães desempenham um papel crucial, pois, ao detectarem presas, alertam os caçadores com latidos, indicando a localização do animal. Em particular, os cães são treinados para farejar, perseguir e encurralar as presas. No entanto, no caso das camaleões, os cães se limitam a encurralá-las quando estão nos buracos.

Em Mangueiras, a prática comum é treinar os cães para caçar desde pequenos. Quando chegam à idade ideal, os cães são levados à mata para adquirirem experiência na caça. Quando o caçador ouve algum barulho ou avista uma presa, estimula o cão a atacar. Tanto machos quanto fêmeas podem ser levados para caçar, sem distinção de gênero. Quando se fala em levá-los para a caça, é comum o uso da palavra cachorro, independente do sexo do animal, ou então usa-se o nome próprio atribuído a ele. Observa-se que os vira-latas são os mais indicados para se tornarem caçadores habilidosos. Durante nossa estada em campo, testemunhamos uma família adotando um filhote. Nos primeiros dias, o filhote é alimentado com leite. Torrado (comunicação pessoal, 2019), um quilombola da comunidade e tutor do animal, comentou: “Hum, esse aqui vou levar logo para o rio do Saco. Ele vai comer peixe demais e eu já vou ajeitar pra caça. Lá na barraca, tem peixe demais. Ele vai crescer, comendo toda hora, vai voltar forte”.

Algumas famílias têm o hábito de emprestar cachorros para serem levados para o rio ou para a mata, embora nem todas as famílias pratiquem esse empréstimo. Observamos que os cães são emprestados entre aqueles que realizam atividades produtivas em conjunto, como vizinhos, familiares ou compadres. Existe uma afinidade particular entre algumas pessoas que compartilham e dividem utensílios de pesca, caça e até mesmo cachorros.

Quando o grupo não está envolvido em atividades conjuntas, mas alguém do grupo vai, geralmente levam o cachorro, especialmente se as pessoas moram próximas. No ato de levar o cão, não é necessário um diálogo explícito sobre o empréstimo, muitas vezes, fica subentendido que o cão também vai. O caçador, ao dirigir-se para a mata, pode simplesmente chamar o cão à medida que avança. Em outras situações, enquanto o caçador está passando, o cão o segue naturalmente. Os cães parecem adaptar-se bem a essa rotina, percebendo movimentações e tomando a iniciativa de seguir em direção à mata, frequentemente liderando o caminho.

Além disso, é importante notar que os cães também são apreciadores da caça. Embora eles sempre acompanhem seus donos ou outras pessoas a quem foram emprestados, ocasionalmente, podem realizar suas próprias caçadas para consumir a carne da presa. No entanto, essa situação foi mais comum na caça de mamíferos, em que os cães muitas vezes chegavam para comer a presa por conta própria. Em algumas ocasiões, ocorrem disputas entre o caçador e o cão, por exemplo, quando alguém vê o cão com uma presa na boca e tenta tomá-la, geralmente sem sucesso.

Em Mangueiras, a prática de curar os cães utilizada pelos/as caçadores/as envolve aproximar pimenta-do-reino do nariz dos animais, como apresentado na narrativa “é pra ele ter mais faro, né? Aí, ele fica mais coisa, pra ele sentir o cheiro da caça longe né?” (comunicação pessoal, 2021). Outras narrativas também associam o uso da pimenta-do-reino para tornar o cachorro mais bravo e eficiente na perseguição à caça. Ives-Felix (2023), em sua tese desenvolvida com os Tentehar, no Maranhão, destaca que tais práticas constituem rituais simbólicos realizados no interior da mata como parte da preparação dos cachorros para a atividade de caça. A autora descreve um exemplo em que um caçador abre um cipó e faz o cachorro passar por dentro dele três vezes, buscando melhorar o desempenho do animal na captura de presas. Essas práticas evidenciam a importância de rituais e simpatias na cultura local.

É HORA DE VOLTAR PARA CASA

Catulo é um garoto de apenas 14 anos (em 2021, hoje já tem 18), conhecido por sua agilidade, timidez e destreza notável tanto na pesca quanto na caça. Ele foi indicado para nós como um bom caçador, disseram que deveríamos procurá-lo para acompanhar suas atividades. Catulo compartilhou sua experiência e demonstrou suas múltiplas habilidades, sendo capaz de, junto ao seu pai e seus irmãos, garantir o almoço da família com impressionante rapidez. Além disso, ele enfatizou a importância da conscientização



ambiental, da preservação da natureza e do respeito aos limites naturais. No ano de 2023, Catulo mudou-se para a comunidade do Salvar. Quando perguntamos o porquê da mudança, a resposta é que, indo para lá, facilitaria as caçadas, pois mora com o avô e os tios que estão frequentemente empenhados na caça. Catulo também desenvolve outras atividades e consegue ter sua própria subsistência a partir das suas habilidades no rio e na mata.

Em Mangueiras, é comum que as caçadas ocorram durante o dia, sendo rara a prática noturna. No retorno, cada pessoa tem uma responsabilidade atribuída: alguns cuidam dos apetrechos, enquanto outros transportam os resultados da caçada. Durante o trajeto de volta, as histórias do dia são compartilhadas. O transporte do animal pode ocorrer de duas maneiras: a pessoa que o carrega segura o camaleão pelo rabo e o apoia sobre as costas, por cima do ombro; alternativamente, o caçador pode segurar o animal pelo rabo, com as mãos junto à lateral do corpo, o animal segue com vida até chegar na residência, pois o abate do camaleão ocorre apenas próximo ao cozimento. Vale destacar que até mesmo acompanhantes ou pesquisadores presentes na expedição podem assumir a responsabilidade de transportar animais ou apetrechos durante a jornada.

No contexto das práticas culinárias em Mangueiras, a entrega da carne pelos caçadores em casa marca o início de uma ação feminina, na qual as esposas, filhas ou outras mulheres da família assumem a responsabilidade pelo preparo da carne. Este cenário assemelha-se com observações de Bechelany (2017), que ressaltou a participação ativa das mulheres na preparação de carnes entre os indígenas Panará. Em Mangueiras, embora

os homens também estejam envolvidos na cozinha, as mulheres desempenham um papel protagonista, organizando, selecionando temperos, limpando e separando as carnes e os peixes. Quando há uma quantidade substancial de carne para preparar, é comum a participação de toda a família nos procedimentos, inclusive dos homens caçadores. A limpeza da carne proveniente da caça é frequentemente realizada no quintal, sobre um jirau⁶, onde uma ou mais pessoas iniciam o processo de 'tratar'⁷, sendo o restante do preparo, como temperar e cozer, conduzido pelas mulheres da residência.

A preparação da 'grosa' (Figura 7) é realizada de forma simples, com um molho de pouco caldo (ver receita no Quadro 1), enriquecido com uma diversidade de temperos. Essa etapa culinária é um momento de união, em que toda a família pode participar ativamente. A maneira como a 'grosa' é preparada desempenha um papel determinante no sabor do prato, como muitos na comunidade de Mangueiras destacam comumente: "não é todo mundo que sabe preparar carne de camaleão" (comunicação pessoal, 2021). A atenção aos detalhes é evidente nas precauções mencionadas, como garantir uma lavagem adequada com bastante limão, aquele do quintal, para evitar o indesejável 'pitiú'⁸. Além disso, a receita é passada de geração em geração, com conselhos específicos, como a necessidade de pimenta-do-reino e alho para realçar o sabor da carne. Muitas são as observações para esse tipo de comida, "grosa é bom, bem feito parece frango" (comunicação pessoal, 2021). Essas percepções alimentares não apenas revelam a expertise da comida de quilombo, como também enfatizam a importância de se manter as tradições culinárias.

⁶ Estrutura de madeira comum em comunidades tradicionais, utilizada para lavar louças, objetos ou para a limpeza de carnes e peixes. Geralmente, está fixada no quintal ou fica próxima à janela da cozinha, desempenhando um papel fundamental nas atividades domésticas e culinárias.

⁷ A expressão 'tratar' refere-se ao processo de preparação e limpeza de peixes ou carnes para consumo. Esse procedimento envolve a remoção das vísceras, escamas, pelos e outras partes indesejadas, além de possíveis limpezas adicionais, como retirar a cabeça, cortar a carne em filés ou realizar outras modificações, de acordo com a preferência culinária. O objetivo é deixar o peixe ou as carnes prontos para serem cozidos, assados, fritos ou preparados conforme a receita desejada.

⁸ Odor forte e desagradável.



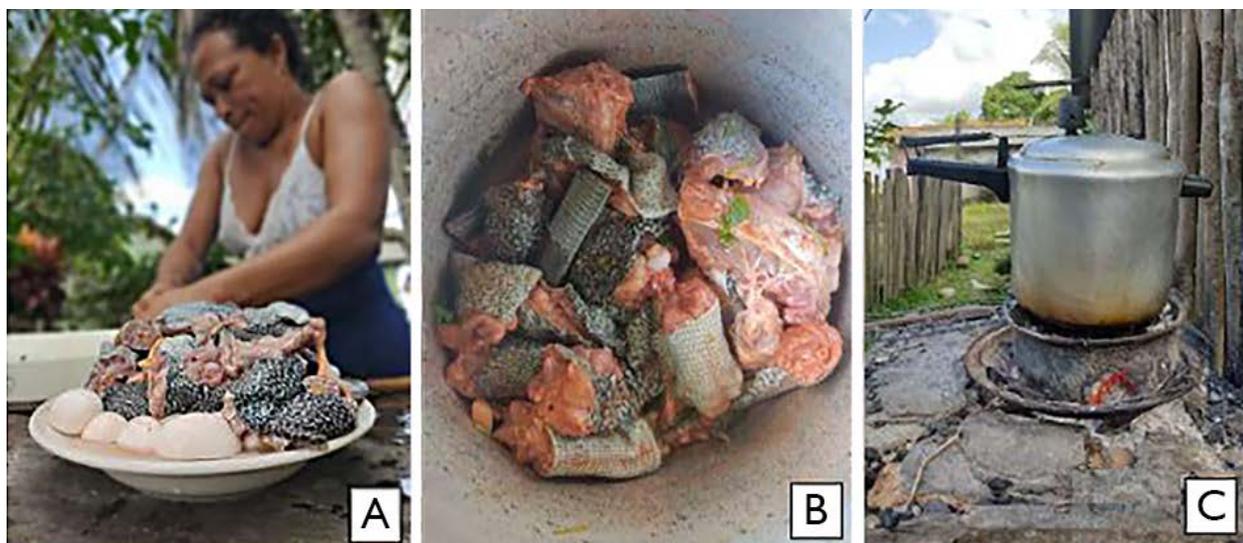


Figura 7. A) Marinalva preparando a carne de camaleoa; B) carne de camaleoa já tratada; C) cozimento da carne em panela de pressão. Foto: Anael Nascimento (2021).

Quadro 1. Receita de 'grosa' (sem caldo).

Comida local	Ingredientes	Modo de preparo
Camaleoa (sequinha, sem caldo)	Óleo, pimenta-do-reino, alho, limão e carne de camaleoa	“Bota a água pra ferver, aí, quando tá bem fervendo, coloca ela dentro; aí, pela, tira a pele dele tipo uma escama; aí, a gente corta; aí, com bem limão, o tempero da camaleoa é mais óleo, pimenta-do-reino e alho” (Marinalva, comunicação pessoal, 2022)

Após 50 minutos de cozimento em panela de pressão, em meio ao calor do fogão a carvão, a carne da camaleoa e seus ovos atingem o ponto ideal de prontidão. Agora, estão prontos para serem apreciados, em conjunto com farinha de mandioca e um molho de tucupi com pimenta (Figura 8).

Vale ressaltar que as crianças têm uma predileção especial pela carne de camaleoa e sua versatilidade culinária. O prato também é apreciado sem a adição de caldo. Também se diz que a camaleoa pode ser frita, embora, durante nossa pesquisa, tenhamos acompanhado principalmente o método de preparo a seco, sem caldo, no formato de guisado. Não registramos essa iguaria preparada de modo frito.

Em Manguieiras, é notável que muitos preferam degustar os ovos da camaleoa, em vez da própria carne, apesar de esta última ser muito apreciada. Os ovos, além

de poderem ser cozidos após serem retirados da barriga da camaleoa, também podem ser coletados nos buracos e cozinhados em água por alguns minutos. Essa preferência pelos ovos demonstra a valorização dessa iguaria e sua versatilidade na culinária local.

A carne de camaleoa é tradicionalmente consumida somente durante o período que compreende setembro a outubro. Embora não esteja disponível o ano todo, essa limitação temporal é compensada por um processo de preparação que envolve dedicação e tradição. O consumo desse alimento está profundamente arraigado à identidade da comunidade e desempenha um papel na garantia da soberania e na segurança alimentar durante esse período, especialmente quando as capturas na rede de pesca, por exemplo, não foram bem-sucedidas. Não é uma tarefa simples encontrar camaleoas nas



Figura 8. Carne e ovos de camaleoa com farinha de mandioca, na comunidade quilombola de Mangueiras, ilha do Marajó, Pará. Foto: Anael Nascimento (2022).

proximidades das casas em Mangueiras. No entanto, os habitantes da comunidade empreendem uma jornada significativa, embasada na tradição de se dirigirem a locais específicos em busca desse alimento, que em breve será transformado em comida, como pontua DaMatta (1986). Ao transformar um recurso selvagem, retirado da natureza, em comida, como bem destacou Lévi-Strauss (1986) em sua teoria sobre o cru e o cozido, não há outra explicação para essa tradição, se não pela cultura, pois manipular, cortar a carne em pedaços, temperar, cozinhar ou fritar, são atributos humanos que transformam, dando sabor, aroma e estética àquilo que se vai comer.

Nesse sentido, os grupos sociais erguem sua cultura alimentar em um processo que é tanto social quanto histórico, incorporando determinantes de ordem biológica e sociocultural em suas escolhas alimentares. De acordo com De Garine (1995), a seleção e a

escolha dos alimentos estão intrinsecamente ligadas às possibilidades de recursos disponíveis, ao conhecimento técnico que cada sociedade detém e ao atendimento das necessidades nutricionais, fatores que variam entre as diferentes sociedades e, até mesmo, dentro de cada uma delas, levando em consideração aspectos como idade, gênero, *status* econômico, entre outros. Essas escolhas alimentares desempenham um papel importante na formação dos hábitos alimentares. A totalidade de uma cultura alimentar é formada pelas escolhas alimentares feitas e pelos determinantes sociais que influenciam essas decisões.

Os quilombolas enfatizam que o camaleão já os alimentou quando estavam passando por momentos de fome. Atualmente, seu consumo está restrito a um período específico, e embora não represente uma necessidade extrema, mantém sua importância como um elemento cultural e simbólico. Ou seja, comer camaleão em Mangueiras não se trata de uma alternativa pela falta do que comer, mas sim de uma questão de gosto e prazer de comer uma carne classificada como comida boa.

Quando questionados sobre suas escolhas alimentares e preferências, muitos quilombolas expressam: “É quem não apreciaria uma carne saborosa como essa?” (comunicação pessoal, 2022). No entanto, eles também enfatizam que a preparação é fundamental, pois “nem todo mundo sabe preparar carne de caça” (comunicação pessoal, 2022). De acordo com os relatos, quando se tem o desejo por uma comida diferente e saborosa, basta pegar camaleão ou seus ovos. Assim, eles têm à disposição opções tradicionais que enriquecem a alimentação, por isso, afirmam que morar em Mangueiras também os assegura o privilégio de ter alimento. A soberania alimentar é um conceito central nesse contexto. Vai além da mera disponibilidade de alimentos e envolve a capacidade das famílias quilombolas de escolher, produzir e consumir alimentos de acordo com suas preferências culturais e necessidades. A manifestação em questão ilustra essa soberania alimentar, pois o desejo de ‘comer grossa’ é

uma escolha consciente que reflete a identidade cultural da comunidade.

CAMALEÃO É COMIDA, MAS TAMBÉM É REMÉDIO!

O alimento está ligado a todas as dimensões da vida, pois, para se ter saúde e bem-estar, deve-se garantir uma boa alimentação, nutritiva e cultural, de modo a garantir o bem viver. Nesse contexto, o alimento é usado de diversas formas, servindo ao consumo, à compra, à venda, mas também é usado como remédio. Na comunidade quilombola de Mangueiras, muitos alimentos são consumidos e também deles são extraídos remédios.

Nas narrativas dos quilombolas de Mangueiras, percebemos que os conhecimentos baseados na empiria são fortes e que eles aproveitam bastante os recursos faunísticos. Vários animais, por exemplo, são caçados para a feitura das comidas, mas, antes do preparo desse alimento, são extraídos banhas, óleos, rabo e pelo, para tratar os males de crianças e adultos. Esse tratamento pode ser realizado em casa ou com o auxílio de um curador, dependendo da gravidade e do tempo que o mal acomete o indivíduo. De acordo com Alves e Rosa (2007), espécies de peixes, mamíferos e répteis são constantemente usados na medicina popular; corroborando esse estudo, Souto et al. (2011) afirmam que a maioria dos animais utilizados são de origem silvestre.

A banha do camaleão é extraída e tem sido tradicionalmente utilizada como um anti-inflamatório natural. Ela possui múltiplos usos terapêuticos, incluindo o alívio de dores de garganta, aplicação tópica para fricção e massagens, destacando-se como um recurso valioso na medicina tradicional. Por isso, os comunitários costumam afirmar que o camaleão não alimenta só o corpo, mas também cura as dores físicas e da alma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas e os saberes tradicionais das famílias do quilombo de Mangueiras são evidentes nas atividades produtivas que

os mangueirenses desempenham, e assumem papel crucial na subsistência e na preservação da cultura alimentar. A conexão entre as atividades econômicas, a cultura alimentar e o ambiente reflete uma relação entre a comunidade e seus recursos naturais. O consumo ancestral de caça de camaleões revela uma tradição alimentar enraizada na cultura local. O fato de essa prática ter sido mantida ao longo do tempo sugere uma estreita ligação entre as gerações passadas e presentes, solidificando a importância dessa carne na dieta das famílias de Mangueiras. Em suma, a prática de 'apeiar' nas atividades do quilombo de Mangueiras é uma dinâmica colaborativa entre os membros da comunidade. A transmissão dos conhecimentos tradicionais entre os mais experientes e os iniciantes durante a caça enfatiza a natureza coletiva dessas atividades, promovendo a continuidade das tradições locais.

Ao analisar essa prática à luz da 'dádiva', proposta por Mauss (2003), é possível identificar paralelos interessantes. A dádiva, segundo Mauss (2003), envolve uma troca que estabelece laços sociais e cria obrigações mútuas. No contexto da caça com cães em Mangueiras, o emprestar ou levar um cachorro para a caça pode ser considerado uma forma de dádiva. Quando alguém do grupo se ausenta para caçar e decide levar o cachorro, isso não apenas atende às necessidades práticas da atividade, mas também reflete uma troca de recursos valiosos. O cão, treinado para auxiliar na caça, torna-se uma dádiva que fortalece os laços comunitários. Essa prática reforça a interdependência e a solidariedade entre os membros da comunidade.

A escolha de consumir carne de 'grosa' num intervalo específico do ano não apenas ressalta a ligação intrínseca entre a comunidade e sua herança cultural, mas também desempenha um papel vital na garantia da soberania e da segurança alimentar durante esse período específico. A complexidade dessa prática alimentar vai além da mera questão da disponibilidade sazonal, sendo enraizada na identidade da comunidade. A jornada empreendida pelos moradores de Mangueiras para buscar camaleões em

locais específicos evidencia a importância atribuída a esse alimento. Ao transformar a carne de camaleoa/camaleão em comida, seguindo as práticas de preparação tradicionais, a comunidade não apenas atende às suas necessidades nutricionais, mas também expressa sua cultura de forma significativa. Manipular, cortar, temperar e cozinhar não são apenas atividades funcionais, mas expressões humanas que conferem sabor, aroma e estética ao que é consumido. Dessa forma, o consumo da carne de camaleoa vai além da simples alimentação, sendo um ato cultural que preserva e perpetua a identidade única da comunidade de Mangueiras.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, U. P., Cunha, L. V. F. C., Lucena, R. F. P., & Alves, R. R. N. (Eds.). (2019). *Methods and techniques in ethnobiology and ethnoecology* (2ª ed.). Humana Press. <https://doi.org/10.1007/978-1-4614-8636-7>
- Alves, R. R. N., & Rosa, I. L. (2007). Zootherapy goes to town: the use of animal-based remedies in urban areas of NE and N Brazil. *Journal of Ethnopharmacology*, *113*(3), 541-555. <https://doi.org/10.1016/j.jep.2007.07.015>
- Alves, R. R. N., Mendonça, L. E. T., Confessor, M. V. A., Vieira, W. L. S., & Lopez, L. C. S. (2009). Hunting strategies used in the semi-arid region of northeastern Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, *5*, 12. <https://doi.org/10.1186/1746-4269-5-12>
- Alves, R. R. N., Gonçalves, M. B. R., & Vieira, W. L. S. (2012). Caça, uso e conservação de vertebrados no semiárido Brasileiro. *Tropical Conservation Science*, *5*(3), 394-416. [https://tropicalconservationscience.mongabay.com/content/v5/TCS-2012_Vol_5\(3\)_394-416_Alves_et_al.pdf](https://tropicalconservationscience.mongabay.com/content/v5/TCS-2012_Vol_5(3)_394-416_Alves_et_al.pdf)
- Alves, R. R. N., & Souto, W. M. S. (2015). Ethnozooology: A brief introduction. *Ethnobiology and Conservation*, *4*, 1-13. <https://doi.org/10.15451/ec2015-1-4-1-1-13>
- Antunes, A. P., Rebêlo, G. H., Pezzuti, J. C. B., Vieira, M. A. R. M., Constantino, P. A. L., Campos-Silva, J. V. . . . Shepard Jr., G. H. (2019). A conspiracy of silence: Subsistence hunting rights in the Brazilian Amazon. *Land Use Policy*, *84*, 1-11. <https://doi.org/10.1016/j.landusepol.2019.02.045>
- Arruda, J. C., Silva, C. J., Sander N. L., & Pulido, M. T. (2018). Conhecimento ecológico tradicional da ictiofauna pelos quilombolas no Alto Guaporé, Mato Grosso, Amazônia meridional, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, *13*(2), 315-329. <https://doi.org/10.1590/1981.81222018000200004>
- Aviz, M. F. (2022). *Saberes e práticas tradicionais sobre os recursos faunísticos e cultura alimentar na comunidade quilombola do Jacarequara, município de Santa Luzia do Pará, Amazônia Oriental* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária]. <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/14855>
- Aviz, M. F., & Santos-Fita, D. (2023). Conhecimentos e usos tradicionais associados aos recursos faunísticos na comunidade quilombola do Jacarequara (nordeste paraense, Amazônia oriental). *Novos Cadernos NAEA*, *6*(3), 17-42. <http://dx.doi.org/10.18542/ncn.v26i3.14776>
- Barbosa, J. A. A., & Aguiar, J. O. (2015). Conhecimento e usos da fauna por caçadores no semiárido brasileiro: um estudo de caso no estado da Paraíba, Nordeste do Brasil. *Biotemas*, *28*(2), 137-148. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7925.2015v28n2p137>
- Barboza, R. R. D., Lopes, S. F., Souto, W. M. S., Fernandes-Ferreira H., & Alves, R. R. N. (2016). The role of game mammals as bushmeat in the Caatinga, northeast Brazil. *Ecology and Society*, *21*(2), 2. <https://www.jstor.org/stable/26270360>
- Barros, F. B. (2017). Os caçadores do riozinho do Anfrísio: saberes e práticas culturais entre narrativas e imagens. *Muiraquitã*, *5*(1), 152-186. <https://doi.org/10.29327/216343.5.1-9>
- Bechelany, F. C. (2017). "Flecha é igual 22": gesto técnico e transformação no arsenal de caça dos Panará. In C. E. Sautchuk (Org.), *Técnica e transformação: perspectivas antropológicas* (pp. 265-292). ABA Publicações.
- Calouro, A. M. (1995). *Caça de subsistência: sustentabilidade e padrões de uso entre seringueiros ribeirinhos e não ribeirinhos do estado do Acre* [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília].
- Casilimas, C. A. S. (1996). *Investigación cualitativa*. ICFES.
- Castro, M., Mertens, F., Saint-Charles, J., Passos, C., Demeda, K., & Mergler, D. (2006). *Cultura alimentar e mercúrio no Tapajós: Um estudo de caso sobre a reima* [Apresentação em conferência]. III Encontro da ANPPAS, Brasília, DF, Brasil. <http://hdl.handle.net/10625/47235>
- Chaves, W. A., Silva, F. P. C., Constantino, P. A. L., Brazil, M. V. S., & Drumond, P. M. (2018). A caça e a conservação da fauna silvestre no estado do Acre. *Biodiversidade Brasileira*, *8*(2), 130-148. <https://revistaelectronica.icmbio.gov.br/index.php/BioBR/article/view/792>
- Da-Gloria, P., & Piperata, B. A. (2019). Modos de vida dos ribeirinhos da Amazônia sob uma abordagem biocultural. *Ciência e Cultura*, *71*(2), 45-51. <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602019000200014>
- DaMatta, R. (1986). *O que faz o Brasil, Brasil?* Editora Rocco.



- De Garine, I. (1995). Los aspectos socioculturales de la alimentación. In J. Contreras (Org.), *Alimentación y cultura: necesidades, gustos y costumbres* (pp. 129-169). Universitat de Barcelona.
- Diegues, A. C. S. (2004). *A pesca construindo sociedades: leituras em antropologia marítima e pesqueira*. NUPAUB.
- Dufour, D. L., Piperata, B. A., Murrieta, R. S., Wilson, W. M., & Williams, D. D. (2016). Amazonian foods and implications for human biology. *Annals of Human Biology*, 43(4), 330-348. <https://doi.org/10.1080/03014460.2016.1196245>
- Dufour, D. L., & Piperata, B. A. (2018). Reflections on nutrition in biological anthropology. *American Journal of Physical Anthropology*, 165(4), 855-864. <https://doi.org/10.1002/ajpa.23370>
- Fernandes, D. S., & Fernandes, J. G. S. (2019). Imagens e palavras na escritura da narrativa etnofotográfica: notações metodológicas. *Revista Territórios & Fronteiras*, 12(1), 72-89. <https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosfronteiras/index.php/v03n02/article/view/891>
- Ferreira, H. F. (2014). *A caça no Brasil: panorama histórico e atual* [Tese de doutorado, Universidade Federal da Paraíba]. https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8221?locale=pt_BR
- Figueiredo, R. A. A., & Barros, F. B. (2015). "A comida que vem da mata": conhecimentos tradicionais e práticas culturais de caçadores na Reserva Extrativista Ipaú-Anilzinho. *Fragments de Cultura*, 25(2), 193-212. <https://doi.org/10.18224/frag.v25i2.4181>
- Figueiredo, R. A. A., & Barros, F. B. (2016). Caçar, preparar e comer o 'bicho do mato': práticas alimentares entre os quilombolas na Reserva Extrativista Ipaú-Anilzinho (Pará). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 11(3), 691-713. <https://doi.org/10.1590/1981.81222016000300009>
- Geertz, C. (1989). *A Interpretação das culturas* (1ª ed.). LTC.
- Godelier, M. (2000). *O enigma da dádiva* (1ª ed.). Edições 70.
- Gomes, D. L., Schmitz, H., & Bringel, F. O. (2018). Identidade e mobilização quilombola na Amazônia marajoara. *Boletim Goiano de Geografia*, 38(3), 591-618. <https://doi.org/10.5216/bgg.v38i3.56360>
- Guimarães, C. D. O., Palha, M. D. C., & Tourinho, M. M. (2019). Estratégias e dinâmica de caça na ilha de Colares, Pará, Amazônia oriental. *Biota Amazônia*, 9(1), 5-10.
- Isaac, V. J., Almeida, M. C., Giarrizzo, T., Deus, C. P., Vale, R., Klein, G., & Begossi, A. (2015). Food consumption as an indicator of the conservation of natural resources in riverine communities of the Brazilian Amazon. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, 87(4), 2229-2242. <https://doi.org/10.1590/0001-3765201520140250>
- Ives-Felix, N. O. (2023). *Agrobiodiversidade Tentehar na aldeia Olho D'Água, Maranhão: trajetórias, saberes e práticas* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Pará]. <https://drive.google.com/file/d/11wXNZQA4E4vDNm1jsi3DC6vR0Ly0rHl3/view?usp=sharing>
- Jacob, M. C. M., Feitosa, I. S., & Albuquerque, U. P. (2020). Animal-based food systems are unsafe: severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 (SARS-CoV-2) fosters the debate on meat consumption. *Public Health Nutrition*, 23(17), 3250-3255. <https://doi.org/10.1017/S1368980020002657>
- Lévi-Strauss, C. (1986). Minhas palavras. In Autor, *O cru e o cozido* (pp. 51-52). Brasiliense.
- Malinowski, B. K. (1978). *Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendedorismo e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia* (2ª ed.). Abril Cultural.
- Mauss, M. (2003). *Sociologia e antropologia*. Cosac & Naify.
- McCune, L. M., & Kuhnlein, H. V. (2011). Assessments of Indigenous peoples' traditional food and nutrition systems. In E. N. Anderson, D. Pearsall, E. Hunn & N. Turner (Eds.), *Ethnobiology* (pp. 267-284). Wiley-Blackwell. <https://doi.org/10.1002/9781118015872.ch15>
- Melo, M. F. T. (2017). *As apreensões do universo da caça: uma etnografia entre os quilombolas do Bairro Alto, ilha do Marajó/PA* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará]. <https://www.ppga.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/disserta%C3%A7%C3%B5es2017/MAIRA%20FERNANDA%20TAVARES%20DE%20MELO.pdf>
- Mesquita, G. P., & Barreto, L. N. (2015). Evaluation of mammals hunting in indigenous and rural localities in Eastern Brazilian Amazon. *Ethnobiology and Conservation*, 4,2. <https://doi.org/10.15451/ec2015-1-4.2-1-14>
- Michelat, G. (1987). Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. In M. J. Thiollet (Ed.), *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária* (pp. 191-211). Polis.
- Murrieta, R. S. S. (2001). Dialética do sabor: alimentação, ecologia e vida cotidiana em comunidades ribeirinhas da Ilha de Ituqui, Baixo Amazonas, Pará. *Revista de Antropologia*, 44(2), 39-88. <https://doi.org/10.1590/S0034-77012001000200002>
- Murrieta, R. S. S., Bakri, M. S., Adams, C., Oliveira, P. S. S., & Strumpf, R. (2008). Consumo alimentar e ecologia de populações ribeirinhas em dois ecossistemas amazônicos: um estudo comparativo. *Revista de Nutrição*, 21, 123s-133s. <https://doi.org/10.1590/S1415-52732008000700011>
- Nascimento, A. S., & Barros, B. F. (2019). Entre mangues, rios e igarapés: pesca, comida e cultura no Quilombo de Mangueiras (Ilha do Marajó, Pará). *Etnobiologia*, 17(3), 78-98. <https://revistaetnobiologia.mx/index.php/etno/article/view/68>

- Nascimento, A. S. (2020). *Da natureza à mesa: a pesca artesanal na vida e alimentação dos quilombolas da comunidade de Mangueiras (Ilha do Marajó – Pará)* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará]. <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/14851>
- Nascimento, A. S., & Barros, F. B. (2021). Dimensões da pesca na comunidade quilombola de Mangueiras (Ilha do Marajó, Pará): características, conhecimentos tradicionais e cosmologias. *Revista Antropológica*, 32(1), 199-230. <https://doi.org/10.51359/2525-5223.2021.246856>
- Oliveira, E. S. (2019). *Caça e comércio ilegal de animais silvestres no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil* [Tese de doutorado, Universidade Federal Rural de Pernambuco]. <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/8373>
- Pacheco, A. S. (2006). *À margem dos “Marajós”: cotidiano, memórias e imagens da “Cidade-Floresta” – Melgaço-PA* (1. ed.). Paka-Tatu.
- Pacheco, A. S. (2009). História e literatura no regime das águas: práticas culturais afroindígenas na Amazônia marajoara. *Amazônica - Revista de Antropologia*, 1(2), 406-441. <http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v1i2.297>
- Pauli, S., Bairros, F. S., Neutzling, M. B., Knauth, D. R., Neves Nunes, L., Santos, F. S., & Drehmer, M. (2024). Educação alimentar e nutricional em comunidades quilombolas rurais do Rio Grande do Sul, Brasil: aspectos metodológicos. In *SciELO Preprints*. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.8987>
- Pezzuti, J. C. B., Antunes, A. P., Fonseca, R., Vieira, M. A. R. M., Valsecchi, J., Ramos, R. M., . . . Ranzi, T. J. D. (2018). A caça e o caçador: uma análise crítica da legislação brasileira sobre o uso da fauna por populações indígenas e tradicionais na Amazônia. *Biodiversidade Brasileira*, 8(2), 42-74. <https://revistaelectronica.icmbio.gov.br/index.php/BioBR/article/view/779>
- Ramos, R. M., Pezzuti, J. C. B., & Carmo, N. A. S. (2008). Caça e uso da fauna. In M. A. Monteiro, M. C. N. Coelho & E. J. S. Barbosa (Orgs.), *Atlas socioambiental: municípios de Tomé-Açu, Aurora do Pará, Ipixuna do Pará, Paragominas e Ulianópolis* (pp. 224-232). NAEA.
- Redford, K. H., & Robinson, J. G. (1987). The game of choice: Patterns of Indian and colonist hunting in the Neotropics. *American Anthropologist*, 89(3), 650-667. <https://doi.org/10.1525/aa.1987.89.3.02a00070>
- Renoux, F., & Thoisy, B. (2016). Hunting management: the need to adjust predictive models to field observations. *Ethnobiology and Conservation*, 5,1. <https://doi.org/10.15451/ec2016-6-5.1-1-13>
- Santos-Fita, D., Naranjo, E. J., & Rangel-Salazar, J. L. (2012). Wildlife uses and hunting patterns in rural communities of the Yucatan Peninsula, Mexico. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 8, 38. <https://doi.org/10.1186/1746-4269-8-38>
- Santos-Fita, D. (2013). *Cacería de subsistencia, manejo y conservación de fauna silvestre en comunidades rurales de La Península de Yucatán, México* [Tese de doutorado, El Colegio de la Frontera Sur].
- Silva, A. L., & Begossi, A. (2004). Uso de recursos por ribeirinhos do médio rio Negro. In A. Begossi (Org.), *Ecologia de pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia* (pp. 90-148). Hucitec.
- Silva, A. S. F. (2019). *Animais silvestres utilizados como recurso alimentar na zona rural do município de Ipixuna do Pará, mesorregião do nordeste paraense* [Monografia, Universidade Federal Rural da Amazônia]. <http://bdta.ufra.edu.br/jspui/handle/123456789/1538>
- Silva Neto, B. C., Nascimento, A. L. B., Schiel, N., Alves, R. R. N., Souto, A., & Albuquerque, U. P. (2017). Assessment of the hunting of mammals using local ecological knowledge: an example from the Brazilian semiarid region. *Environment, Development na Sustainability*, 19(5), 1795-1813. <https://doi.org/10.1007/s10668-016-9827-2>
- Souto, W. M. S., Vieira, W. L. S., Montenegro, P. F. G., Alves, H. N., & Alves, R. R. N. (2011). Breve revisão sobre uso de fauna medicinal no Brasil: aspectos históricos, farmacológicos e conservacionistas. *Sitientibus, Série Ciências Biológicas*, 11(2), 201-210. <http://dx.doi.org/10.13102/scb71>
- Torres, P. C. (2014). *Caça e consumo de carne silvestre na Amazônia Oriental: determinantes e efeitos na percepção do valor da floresta* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/T.41.2014.tde-19032015-105110>
- Van Vliet, N., Quiceno-Mesa, M. P., Cruz-Antia, D., Tellez, L., Martins, C., Haiden, E., . . . Nasi, R. (2015). From fish and bushmeat to chicken nuggets: the nutrition transition in a continuum from rural to urban settings in the Colombian Amazon region. *Ethnobiology and Conservation*, 4, 1-12. <https://doi.org/10.15451/ec2015-7-4.6-1-12>
- Willerslev, R. (2012). Percepções da presa: caça, sedução e metamorfose entre os Yukaghirs da Sibéria. *Anuário Antropológico*, 37(2), 57-75. <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/7230>



CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

A. S. Nascimento contribuiu com escrita (rascunho original, revisão e edição); F. B. com análise formal, supervisão e visualização; e D. Santos-Fita com supervisão.

DADOS DA PESQUISA

Os dados não foram depositados em repositório.

PREPRINT

Não foi publicado em repositório.

AVALIAÇÃO POR PARES

Avaliação duplo-cega, fechada.